



VESTIBULAR 2018

001. PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E REDAÇÃO

- Confira seus dados impressos neste caderno.
- Assine com caneta de tinta preta a Folha de Respostas apenas no local indicado.
- Esta prova contém 45 questões objetivas e uma proposta de redação.
- Para cada questão, o candidato deverá assinalar apenas uma alternativa na Folha de Respostas, utilizando caneta de tinta preta.
- Esta prova terá duração total de 4h e o candidato somente poderá sair do prédio depois de transcorridas 3h30, contadas a partir do início da prova.
- Ao final da prova, antes de sair da sala, entregue ao fiscal a Folha de Respostas, a Folha de Redação e o Caderno de Questões.

Nome do candidato _____

RG _____

Inscrição _____

Prédio _____

Sala _____

Carteira _____

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder às questões de 01 a 09.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonito e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que

davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)

¹*arma virumque cano*: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

QUESTÃO 01

De acordo com a crônica, o filho recebeu o telegrama do pai no dia

- (A) 28 de setembro.
- (B) 29 de setembro.
- (C) 2 de outubro.
- (D) 4 de outubro.
- (E) 3 de outubro.

QUESTÃO 02

Em relação ao sonho do pai, a reação do filho é de

- (A) desconfiança.
- (B) apatia.
- (C) perplexidade.
- (D) desdém.
- (E) respeito.

QUESTÃO 03

Depreende-se da crônica que o telegrama demorou a chegar

- (A) porque ficou retido na delegacia de polícia.
- (B) por conta de um sonho premonitório.
- (C) porque uma revolta popular estava em curso.
- (D) por conta da lentidão do serviço dos telégrafos.
- (E) porque um golpe militar estava em andamento.

■ ■ QUESTÃO 04

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- (A) “Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o ‘pois não’ melodioso de d. Anita, durante o dia.” (3º parágrafo)
- (B) “E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.” (2º parágrafo)
- (C) “Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância.” (3º parágrafo)
- (D) “Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: ‘Desculpe, é engano’, ou ficava mudo, sem desligar.” (4º parágrafo)
- (E) “‘O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?’” (5º parágrafo)

■ ■ QUESTÃO 05

Metonímia: figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade [vizinhança, proximidade], material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.

(Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009.)

Verifica-se a ocorrência de metonímia no trecho:

- (A) “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” (5º parágrafo)
- (B) “Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: ‘Passe de largo’;” (3º parágrafo)
- (C) “Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa.” (3º parágrafo)
- (D) “Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte!” (2º parágrafo)
- (E) “Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos.” (4º parágrafo)

■ ■ QUESTÃO 06

Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos trechos:

- (A) “As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua.” (3º parágrafo) e “E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?” (5º parágrafo).
- (B) “As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua.” (3º parágrafo) e “Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje.” (5º parágrafo).
- (C) “Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje.” (5º parágrafo) e “Acordou assustado, com **golpes** na porta.” (5º parágrafo).
- (D) “E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?” (5º parágrafo) e “Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje.” (5º parágrafo).
- (E) “[...] a ligação foi dificultosa, havia **besouros** na linha.” (3º parágrafo) e “E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?” (5º parágrafo).

■ ■ QUESTÃO 07

- “A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. ‘O senhor vai dizer a verdade **bonitinho** e logo’ – disse-lhe o chefe.” (5º parágrafo)
- “‘E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?’ Emudeceu. ‘Diga, vamos!’ ‘Desculpe, eram uns **versinhos**, estão aqui no bolso.’” (5º parágrafo)

No contexto em que se inserem, as palavras “bonitinho” e “versinhos” exprimem, respectivamente,

- (A) afetividade e antipatia.
- (B) vulgaridade e sarcasmo.
- (C) desprezo e indiferença.
- (D) advertência e modéstia.
- (E) irritação e delicadeza.

■ ■ QUESTÃO 08

“Deliberou deitar-se, **embora a noite apenas começasse**.” (4º parágrafo)

Em relação à oração anterior, a oração destacada exprime ideia de

- (A) causa.
- (B) condição.
- (C) concessão.
- (D) consequência.
- (E) conclusão.

■ ■ QUESTÃO 09

“Falou rapidamente **a** diversas pessoas, aludiu **a** uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir **as** sílabas de *arma virumque cano*” (3º parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- (A) uma preposição, uma preposição e um artigo.
- (B) um pronome, uma preposição e um artigo.
- (C) um artigo, um artigo e um pronome.
- (D) uma preposição, um artigo, um artigo.
- (E) um pronome, uma preposição e um pronome.

Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder às questões de **10** a **12**.

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

■ ■ QUESTÃO 10

O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- (A) “piedade”.
- (B) “mágoa”.
- (C) “saudade”.
- (D) “claridade”.
- (E) “madrugada”.

■ ■ QUESTÃO 11

A imagem das lágrimas a formarem um “largo rio” (3ª estrofe) produz um efeito expressivo que se classifica como

- (A) paradoxo.
- (B) pleonasma.
- (C) personificação.
- (D) hipérbole.
- (E) eufemismo.

■ ■ QUESTÃO 12

Observa-se a elipse (supressão) do termo “vontade” no verso:

- (A) “viu apartar-se de uma outra vontade,” (2ª estrofe)
- (B) “cheia toda de mágoa e de piedade,” (1ª estrofe)
- (C) “quero que seja sempre celebrada.” (1ª estrofe)
- (D) “Ela só viu as lágrimas em fio” (3ª estrofe)
- (E) “que puderam tornar o fogo frio,” (4ª estrofe)

■ ■ QUESTÃO 13

A veia humorística do poeta romântico Álvares de Azevedo (1831-1852) está exemplificada nos versos:

- (A) Feliz daquele que no livro d'alma
Não tem folhas escritas
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lágrimas malditas!
- (B) Coração, por que tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!
- (C) E eu amo as flores e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu da minha terra!
- (D) Quando falo contigo, no meu peito
Esquece-me esta dor que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ousa ainda murmurar teu nome!
- (E) Quando, à noite, no leito perfumado
Lânguida fronte no sonhar reclinadas,
No vapor da ilusão por que te orvalha
Pranto de amor as pálpebras divinas?

QUESTÃO 14

Talvez o aspecto mais evidente da novidade retórica e formal na composição dessa obra seja justamente a metalinguagem ou a autorreflexividade da narrativa, quer dizer, o narrador “explica” constantemente para o leitor o andamento e o modo pelo qual vai contando suas histórias. Essa autorreflexividade tem um importante efeito de quebra da ilusão realista, pois lembra sempre o leitor de que ele está lendo um livro e que este, embora narre a respeito da vida de personagens, é apenas um livro, ou seja, um artifício, um artefato inventado.

Pode-se dizer também que a reflexão do narrador, além de revelar a poética que preside a composição de sua narrativa, revela também a exigência dessa poética de contar com um novo tipo de leitor: o narrador como que pretende um leitor participante, ativo e não passivo.

(Valentim Facioli. *Um defunto estrambótico*, 2008. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à obra

- (A) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- (B) *O Ateneu*, de Raul Pompeia.
- (C) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.
- (D) *Iracema*, de José de Alencar.
- (E) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

QUESTÃO 15

Nesta obra, eu quis estudar temperamentos e não caracteres. Escolhi personagens soberanamente dominadas pelos nervos e pelo sangue, desprovidas de livre-arbítrio, arrastadas a cada ato de suas vidas pelas fatalidades da própria carne. Começa-se a compreender que o meu objetivo foi acima de tudo um objetivo científico.

(Émile Zola *apud* Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

Depreendem-se dessas considerações do escritor francês Émile Zola, a respeito de uma de suas obras, preceitos que orientam a corrente literária

- (A) romântica.
- (B) árcade.
- (C) naturalista.
- (D) simbolista.
- (E) barroca.

Para responder às questões de 16 a 20, leia o trecho da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), em que se narram eventos referentes a uma das expedições militares enviadas pelo governo federal para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores sediados em Canudos.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafiadores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vargosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível...

[...]

Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os mueres da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que vovlera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia-volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga. Naquela desordem só havia uma determinação possível: “debandar!”.

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

(*Os sertões*, 2016.)

■ ■ QUESTÃO 16

O trecho narra

- (A) a debandada trágica dos seguidores de Antônio Conseqeheiro.
- (B) a completa aniquilação do povoado de Canudos.
- (C) o desfecho desastroso da expedição militar.
- (D) o desmantelamento dos dois grupos de combatentes.
- (E) a resistência heroica dos soldados do governo.

■ ■ QUESTÃO 17

Em “O coronel Tamarindo [...] ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou **debalde** socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos.” (6º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- (A) inutilmente.
- (B) lealmente.
- (C) desesperadamente.
- (D) valentemente.
- (E) humildemente.

■ ■ QUESTÃO 18

“Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-**los**. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem **aqueles**, que eram de preferência alvejados pelos **últimos**, caírem malferidos, não se comoviam.” (7º parágrafo)

Os termos “los”, “aqueles” e “últimos” referem-se, respectivamente, a

- (A) foragidos, foragidos e jagunços.
- (B) oficiais, jagunços e oficiais.
- (C) oficiais, oficiais e jagunços.
- (D) foragidos, oficiais e jagunços.
- (E) foragidos, jagunços e oficiais.

■ ■ QUESTÃO 19

No trecho, o estilo de Euclides da Cunha pode ser caracterizado, sobretudo, como

- (A) transgressor.
- (B) informal.
- (C) didático.
- (D) lacônico.
- (E) rebuscado.

■ ■ QUESTÃO 20

Em “Um a um **tombavam** os soldados da guarnição estoica.” (4º parágrafo), o termo destacado é um

- (A) verbo transitivo direto e indireto.
- (B) verbo intransitivo.
- (C) verbo transitivo indireto.
- (D) verbo de ligação.
- (E) verbo transitivo direto.

Para responder às questões de **21 a 23**, leia o trecho do livro *Abolição*, da historiadora brasileira Emília Viotti da Costa.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder de persuasão. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos. De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado – representantes de Deus na Terra –, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência aos senhores.

Não é difícil imaginar os efeitos dessas ideias. Elas permitiam às classes dominantes escravizar os negros sem problemas de consciência. Os poucos indivíduos que no Período Colonial, fugindo à regra, questionaram o tráfico de escravos e lançaram dúvidas sobre a legitimidade da escravidão, foram expulsos da Colônia e o tráfico de escravos continuou sem impedimentos. Apenas os próprios escravos questionavam a legitimidade da instituição, manifestando seu protesto por meio de fugas e insurreições. Encontravam, no entanto, pouca simpatia por parte dos homens livres e enfrentavam violenta repressão.

(A *abolição*, 2010.)

■ ■ QUESTÃO 21

De acordo com a historiadora,

- (A) as classes dominantes valiam-se de argumentos religiosos para legitimar a escravidão.
- (B) os negros não ousavam sequer questionar a legitimidade da escravidão.
- (C) a Igreja assumia uma postura corajosa em defesa dos escravos.
- (D) as ideias defendidas pelas classes dominantes destoavam da ideologia vigente na época.
- (E) os negros que ousavam combater o tráfico de escravos eram expulsos da Colônia.

■ ■ QUESTÃO 22

“Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos.” (1º parágrafo)

No contexto em que se insere, o termo “vilão” deve ser entendido na seguinte acepção:

- (A) “camponês medieval que trabalhava para um senhor feudal”.
- (B) “aquele que é indigno, abjeto, desprezível”.
- (C) “aquele que não pertence à nobreza, plebeu”.
- (D) “aquele que não tem religião, ateu”.
- (E) “aquele que reside em vila”.

■ ■ QUESTÃO 23

“De acordo com essa teoria, não cabia aos homens **modificar a ordem social**.” (1º parágrafo)

O trecho destacado exerce a função sintática de

- (A) objeto indireto.
- (B) objeto direto.
- (C) adjunto adnominal.
- (D) sujeito.
- (E) adjunto adverbial.

■ ■ QUESTÃO 24

O Surrealismo buscou a comunicação com o irracional e o ilógico, deliberadamente desorientando e reorientando a consciência por meio do inconsciente.

(Fiona Bradley. *Surrealismo*, 2001.)

Verifica-se a influência do Surrealismo nos seguintes versos:

- (A) Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
– É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.
(Manuel Bandeira, “Pensão familiar”.)
- (B) A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia pouca flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.
(Carlos Drummond de Andrade, “Evocação Mariana”.)
- (C) Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”.)
- (D) E nas bicicletas que eram poemas
chegavam meus amigos alucinados.
Sentados em desordem aparente,
ei-los a engolir regularmente seus relógios
enquanto o hierofante armado cavaleiro
movia inutilmente seu único braço.
(João Cabral de Melo Neto, “Dentro da perda da memória”.)
- (E) – Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina.
(João Cabral de Melo Neto, “Morte e vida severina”.)

■ ■ QUESTÃO 25

O uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual foram constantes do seu estilo de narrar. Os analistas à caça de estruturas não deixarão tão cedo em paz seus textos complexos e abstratos. Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio.

(Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

Tal comentário refere-se a

- (A) Jorge Amado.
- (B) José Lins do Rego.
- (C) Graciliano Ramos.
- (D) Guimarães Rosa.
- (E) Clarice Lispector.

Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder às questões de **26** a **29**.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmogônicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

(*Folha de S.Paulo*, 07.06.1998.)

■ ■ QUESTÃO 26

“Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no **seu** passado e no **seu** futuro.” (2º parágrafo)

Os pronomes destacados no texto referem-se a

- (A) “separação”.
- (B) “presente”.
- (C) “caso”.
- (D) “tempo”.
- (E) “período”.

■ ■ QUESTÃO 27

“Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a **presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo**, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia.” (4º parágrafo)

Ao se converter o trecho destacado para a voz passiva, o verbo “influencia” assume a seguinte forma:

- (A) é influenciada.
- (B) foi influenciada.
- (C) era influenciada.
- (D) seria influenciada.
- (E) será influenciada.

■ ■ QUESTÃO 28

Em “[Einstein] mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, **embora** esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia.” (4º parágrafo), a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- (A) visto que.
- (B) a menos que.
- (C) ainda que.
- (D) a fim de que.
- (E) desde que.

■ ■ QUESTÃO 29

O processo de formação de palavras verificado em “estrutural” (2º parágrafo) também está presente em

- (A) “futuro” (1º parágrafo).
- (B) “portanto” (2º parágrafo).
- (C) “momento” (3º parágrafo).
- (D) “plasticidade” (4º parágrafo).
- (E) “origem” (3º parágrafo).

QUESTÃO 30

Tal vanguarda rompeu radicalmente com a ideia de arte como imitação da natureza, prevalecente na pintura europeia desde a Renascença. Seus principais adeptos abandonaram as noções tradicionais de perspectiva, tentando representar solidez e volume numa superfície bidimensional, sem converter pela ilusão a tela plana num espaço pictórico tridimensional. Múltiplos aspectos do objeto eram figurados simultaneamente; as formas visíveis eram analisadas e transformadas em planos geométricos, que eram recompostos segundo vários pontos de vista simultâneos. Tal vanguarda era e dizia ser realista, mas tratava-se de um realismo conceitual, e não óptico.

(Ian Chilvers (org). *Dicionário Oxford de arte*, 2007. Adaptado.)

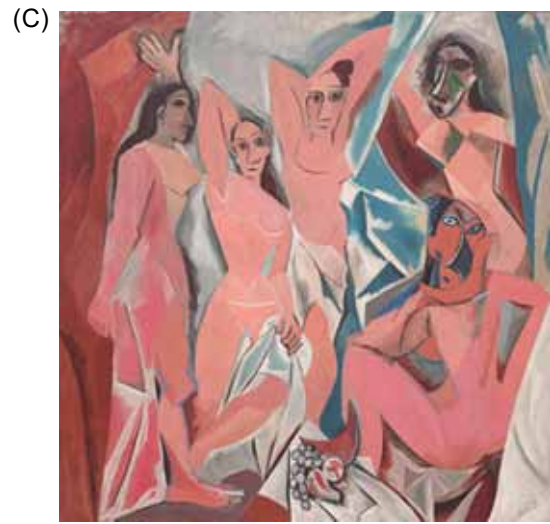
Uma pintura representativa da vanguarda à qual o texto se refere está reproduzida em:



(Edvard Munch. *O grito*, 1893.)



(René Magritte. *Império das luzes*, 1954.)



(Pablo Picasso. *As senhoritas de Avignon*, 1907.)

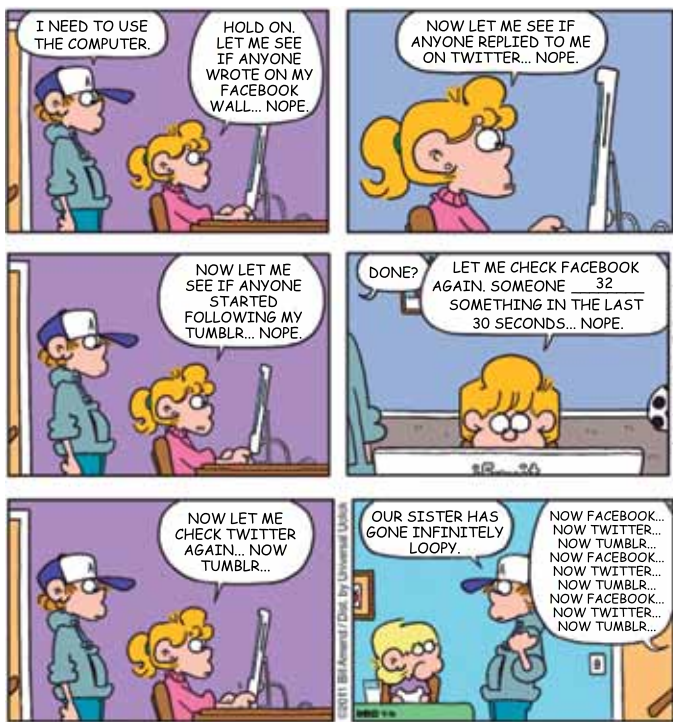


(Henri Matisse. *Violinista à janela*, 1917.)



(Roy Lichtenstein. *Luminárias vermelhas*, 1990.)

Leia os quadrinhos para responder às questões de 31 a 33.



(<http://etxerox.blogspot.com.br>)

QUESTÃO 31

Os quadrinhos têm como tema principal

- (A) o uso excessivo de mídias sociais pelos adolescentes.
- (B) a falta de controle dos filhos pelos pais.
- (C) o compartilhamento de brinquedos e equipamentos domésticos pelas crianças.
- (D) a denúncia do relacionamento conflituoso entre irmãos adolescentes.
- (E) a diferença de necessidades de comunicação entre meninos e meninas.

QUESTÃO 32

A lacuna numerada no quarto quadrinho deve ser preenchida por

- (A) is writing.
- (B) have written.
- (C) used to write.
- (D) might write.
- (E) could have written.

QUESTÃO 33

The word "loopy" can be replaced, with no meaning change, by

- (A) affectionate.
- (B) obsessed.
- (C) upbeat.
- (D) selfish.
- (E) spoilt.

Mobile milestones: how your phone became an essential part of your life



Has any device changed our lives as much, and as quickly, as the mobile phone? There are people today for whom the world of address books, street atlases and phone boxes seems very far away, lost in the mists of time. Following, there are just some of the big milestones from the past 30 years that have made almost everything we do easier, more public and very, very fast.

• The first phones arrive – and become status symbols

Few people got the chance to use the very early mobile phones. The first call was made in New York in 1973, but handsets with a network to use were not available until 1983 in the US, and 1985 in the UK. That first British mobile phone was essentially a heavy briefcase with a receiver attached by a wire. It cost £2,000 (£5,000 in today's prices), and gave you half an hour's chat on an overnight charge. Making a call was not something you could do subtly, but that wasn't the point; the first handsets were there to be seen. They sent a message that you were bold and confident with new technology, that you were busy and important enough to need a mobile phone, and were rich enough to buy one.

• Text messages spawn a whole new language

The first mobiles worked with analogue signals and could only make phone calls, but the digital ones that followed in the early 1990s could send SMS messages as well. After the first message was sent on 3 December 1992, texting took off like a rocket, even though it was still a pretty cumbersome procedure. Handsets with predictive text would make things easier, but in the 1990s you could save a lot of time by removing all excess letters from a message, often the vowels, and so txtspk ws brn. Today the average mobile phone sends more than 100 texts per month.

• Phones turn us all into photographers...

There seemed to be no good reason for the first camera phones, which began to appear in 2002, with resolutions of about 0.3 megapixels. They took grainy, blurry pictures on postage stamp-sized screens, and even these filled the phone's memory in no time. Gradually, though, as the quality improved, the uses followed. As well as the usual photos of friends and family, they were handy for "saving" pieces of paper, and in pubs you could take a picture of the specials board and take it back to your table. Modern camera phones have changed beyond recognition in the past 20 years. The new mobile phones boast the highest resolution dual camera on a smartphone: a 16-megapixel camera and a 20-megapixel camera side-by-side. The dual camera allows users to focus on their subjects, while blurring out the background, producing professional-looking portraits.

• ...and we turn ourselves into celebrities

Twenty years ago people would have thought you a little strange if you took flattering photos of yourself and your lifestyle and then distributed them to your friends – let alone to members of the public. If you used printed photographs rather than a smartphone app, they would still think so today. Yet sharing our lives on social media is now the norm, not the exception – and it was the camera phone that made it all possible. Now, some phones come with an enormous 64GB of memory, so you can capture, share and store an almost countless number of videos and pictures – well, certainly enough to keep up with the Kardashians.

(www.theguardian.com, 07.07.2017. Adaptado.)

QUESTÃO 34

De acordo com o texto, um dos aspectos positivos dos telefones celulares é que eles

- (A) estimularam o narcisismo das pessoas por meio da propagação de suas imagens.
- (B) são usados cada vez mais no âmbito profissional que no pessoal.
- (C) se tornaram símbolos de poder.
- (D) tornaram mais rápida grande parte das nossas atividades.
- (E) desenvolveram a criatividade linguística e o senso artístico das pessoas.

QUESTÃO 35

No texto, um dos exemplos da expressão "big milestones" (1º parágrafo) é

- (A) a incorporação de câmeras fotográficas ao telefone celular.
- (B) a atual irrelevância de mapas de ruas, sejam eles impressos ou virtuais.
- (C) o alto preço dos telefones celulares.
- (D) a criação de uma nova linguagem internacional para enviar mensagens por celular.
- (E) o hábito de imprimir as imagens geradas por celular.

QUESTÃO 36

The mobile phones connected to a network were first accessible

- (A) on 3 December 1992.
- (B) in the 70's.
- (C) in 2002.
- (D) in the 90's.
- (E) in the 80's.

■ ■ QUESTÃO 37

According to the third paragraph, people started to shorten words when writing messages by mobile phone because

- (A) SMS became increasingly popular.
- (B) each person usually sends an average of 100 messages.
- (C) texting was a clumsy and slow process.
- (D) analogue signals made the writing process too slow.
- (E) predictive text was fast as a rocket.

■ ■ QUESTÃO 38

No trecho do terceiro parágrafo “by removing all excess letters from a message, often the vowels, and **so** txtspk ws brn”, o termo em destaque indica ideia de

- (A) concordância.
- (B) exemplificação.
- (C) condição.
- (D) decorrência.
- (E) resumo.

■ ■ QUESTÃO 39

According to the fourth paragraph,

- (A) side-by-side dual cameras can only be used professionally.
- (B) camera phones appeared to be pointless at the beginning.
- (C) initial blurry pictures may be considered creative photography nowadays.
- (D) the amount of megapixels does not ensure the production of good portraits.
- (E) it took 20 years for the first camera phone to be engineered.

■ ■ QUESTÃO 40

No trecho do quarto parágrafo “and even **these** filled the phone’s memory”, o termo em destaque se refere a

- (A) grainy, blurry pictures.
- (B) postage stamp-sized screens.
- (C) phone’s memory.
- (D) camera phones.
- (E) resolutions of about 0.3 megapixels.

■ ■ QUESTÃO 41

No trecho do quarto parágrafo “filled the phone’s memory in **no time**”, a expressão em destaque equivale, em português, a

- (A) instantaneamente.
- (B) nunca.
- (C) de modo precipitado.
- (D) de vez em quando.
- (E) lentamente.

■ ■ QUESTÃO 42

No trecho do quarto parágrafo “The dual camera allows users to focus on their subjects, **while** blurring out the background”, o termo em destaque indica ideia de

- (A) alternância.
- (B) semelhança.
- (C) comparação.
- (D) previsão.
- (E) simultaneidade.

■ ■ QUESTÃO 43

De acordo com as informações do quinto parágrafo,

- (A) mesmo com a grande capacidade de armazenamento dos celulares modernos, as pessoas ainda imprimem muitas fotos.
- (B) grande parte das pessoas ainda considera que a divulgação de “selfies” não é de bom tom.
- (C) desconhecidos podem fazer mau uso das fotos publicadas em mídias sociais.
- (D) os jovens desejam se transformar em celebridades, como ocorreu com a família Kardashian.
- (E) houve uma grande mudança de comportamento em relação à divulgação pública de fotos nos últimos 20 anos.

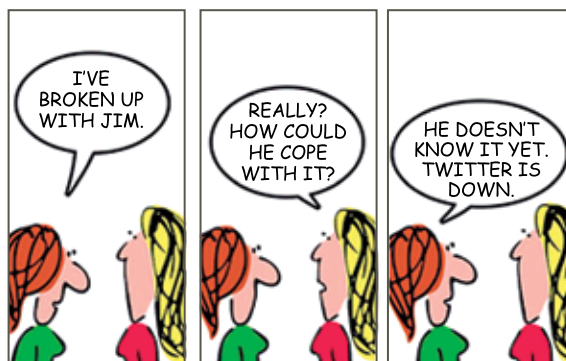
■ ■ QUESTÃO 44

No trecho do quinto parágrafo “they would still think **so** today”, o termo em destaque se refere ao fato de as pessoas considerarem que alguém

- (A) não tem noção de privacidade.
- (B) respeita as normas sociais.
- (C) busca apreciação.
- (D) gosta de se exibir.
- (E) é um pouco esquisito.

■ ■ QUESTÃO 45

Examine a tira.



(<http://royal.pingdom.com>)

A tira evidencia que

- (A) as duas mulheres desaprovam o comportamento de Jim.
- (B) as duas mulheres preferem conversar pessoalmente a usar mídias sociais.
- (C) a mulher de roupa vermelha desaprova o fato de a mulher de roupa verde ainda não ter conversado com Jim.
- (D) a mulher de roupa vermelha ficou triste com a separação do casal.
- (E) a mulher de roupa verde tentou usar uma mídia social para resolver seu relacionamento afetivo.

REDAÇÃO

TEXTO 1

Apenas reproduzimos nas redes sociais o que somos na vida off-line. Mas hoje se convencionou que tudo é culpa da tecnologia. A previsão é sempre de um futuro sombrio, em que as pessoas não se relacionam, não se falam, não se encontram.

Falava-se a mesma coisa da TV. Para os pessimistas há sempre uma praga tecnológica mais atual. Os saudosistas olham para o passado e acham que a vida era mais vida lá atrás.

Não é melhor nem pior. É apenas diferente. Só temos que nos adaptar. As redes sociais podem, sim, nos dar uma falsa impressão de convivência cumprida. Corremos o risco de viver as relações de forma superficial. Sabemos da vida alheia, rimos das mesmas piadas, mandamos coraçõezinhos, distribuímos likes. E, então, voltamos para nossa vida ocupada.

Não dou conta de responder a todos os e-mails, inbox do Facebook, mensagens de WhatsApp. Fico na intenção. Não é egoísmo. É falta de habilidade em ser onipresente em todas as plataformas.

Nunca estivemos tão em contato mesmo à distância. As redes sociais têm o poder de estreitar laços e desvendar afinidades até com desconhecidos.

(Mariliz Pereira Jorge. "As redes sociais têm o poder de estreitar laços". *Folha de S.Paulo*, 19.02.2015. Adaptado.)

TEXTO 2

Não podemos supor que as redes sociais tragam somente meras mudanças de costumes, porque seu peso, associado ao desenvolvimento da informática, é semelhante à introdução da imprensa, da máquina a vapor ou da industrialização na dinâmica do nosso mundo. As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao participar das redes sociais acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, ser populares, estar ligados a todos os acontecimentos e participando efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos. Além disso, as relações cultivadas nas redes sociais se baseiam na virtualidade, portanto, no distanciamento físico entre as pessoas.

A opinião do outro é apenas a oportunidade para se expressar a sua própria. O outro parece importar, mas de fato não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.

(Dulce Critelli. "A ilusão das redes sociais". www.cartaeducacao.com.br, 07.11.2013. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

AS REDES SOCIAIS ESTREITAM OS LAÇOS ENTRE AS PESSOAS OU AS TORNAM EGOÍSTAS?

Os rascunhos não serão considerados na correção.

RASCUNHO

NÃO ASSINE ESTA FOLHA

